

# Dona Quitéria do Sobrado

Francisco José Alves\*

Dona Quitéria do Sobrado foi uma personagem da minha infância. Era uma espécie de capataz do Engenho Sobrado, nas margens do Rio Traipu, nos cafundós das Alagoas. Tinha a voz rouca, masculina, falava aos gritos com os empregados da fazenda. Vestia-se de modo singular: calças de brim azul marinho, camisa de mangas compridas com punhos e, sobre a calça, um saiotê plissado. Trazia sempre a cabeça coberta com um lenço amarrado ao modo das baianas. Andava a cavalo ou melhor, numa mula, sua companheira inseparável. Dirigia a fazenda com personalidade viril. Todos os empregados temiam a virago poderosa, afilhada do Dr. Teotônio Valadão, proprietário do engenho, senhor de terras e de homens.

Dona Quitéria não parava. Estava sempre fiscalizando as tarefas nos domínios do engenho. Gritava com os empregados, mandava. Contava-se, a boca pequena, que Dona Quitéria tinha origem nebulosa. Fora filha enjeitada, deixada à porta do convento dos capuchinhos, numa vila próxima. Um velho frei a doou a dona Rosário, tia do senhor de engenho. Cresceu, tornou-se adolescente, moça feita. Fixou residência no Sobrado. Adestrrou-se na equitação e no mando aos gritos.

Nunca casou, nem teve filhos. Viveu alguns amores clandestinos com uns empregados mais graduados do engenho. Eram os protegidos de dona Quitéria, figuras inatacáveis. Um deles engravidou uma sobrinha menor e o braço poderoso de dona Quitéria o livrou da cadeia. O homem ficou palitando os dentes. Nada lhe aconteceu.

Ao que parece, nos tempos da juventude, teve um caso amoroso com o padrinho. O fato é o que todo poderoso



Dr. Valadão lhe dava carta branca no tocante aos assuntos do engenho. Temia os seus arroubos de mulher forte. Outro indício do caso quase incestuoso de dona Quitéria com o padrinho, eram os acessos de ciúmes da afilhada quando este casou-se. Ou ainda as farpas que trocava com dona Lila – viúva e comadre de Dr. Valadão, e, como corria, amante do senhor de engenho. As duas trocavam bilhetes desaforados. Certa feita dona Quitéria lembrava a dona Lila que era afilhada do Dr. Valadão somente “da cintura pra cima”. Estava livre da impedição religiosa que proibia o conluio sexual entre padrinho e afilhada. O povo crédulo do engenho mur-

murava que ela e o padrinho, quando morressem, iriam “bater fachos”, iam virar fogo corredor, pois era este o destino daqueles que não respeitavam tal proibição.

Durante o curto casamento do padrinho, queimava de ciúmes. Enquanto o casal fazia a sesta, com ternuras próprias dos recém-casados, ela, cheia de ódio, dizia a uma empregada: “Diga a Zé de Biliu prá desligar a luz”. Minutos depois estava o Sobrado às escuras e o casal era obrigado a recolher-se a alcova. Dona Quitéria via-se livre da cena incômoda. Tinha vencido mais uma batalha contra dona Mimi – esposa do padrinho.

O tempo, sempre impie-

na mão debulhando contas.

Foi consumida pela solidão e pela doença adquirida nos idos do mandonato. Enquanto cavalgava, adquiriu uma fenda numa das pernas. Nunca se deixou tratar. Era avessa a cuidar de si. A ferida arruinou e veio a lhe arrancar a vida.

A decadência do açúcar levou Dr. Valadão a vender o engenho. A antiga indústria virou fazenda, de criação de gado. Foi um duro golpe para dona Quitéria. Mesmo depois de vendida a fazenda relutou em deixar o Sobrado. Como deixar aquele lugar onde tinha passado grande parte da sua vida? Foi uma dor insuportável. A custo deixou o Sobrado que o novo proprietário exigia. Mudou-se para o povoado curtindo a amargura. Afundou no álcool e na solidão. A tristeza tomou conta de dona Quitéria.

No Sobrado, à noite, quando queria encontrar-se com um de seus amantes, dona Quitéria usava de um expediente cruel. Acordava a pontapé um menino que dormia no borralho e lhe ordenava que fosse ao quintal buscar laranjas. No meio da noite, o pequeno criado era obrigado a colher frutas e assim deixar de testemunhar os encontros clandestinos da capataz.

Ao padrinho devotava um misto de amor e ódio. Era capaz de gestos externos. Contava-se, por exemplo, que num de seus acessos de ira atirou ao grande forno da casa senhorial uns gatinhos que lhe importunavam. Outros contavam que ela quando estava com raiva do padrinho cuspiu no refresco que lhe servia. Tinha um código ético personalíssimo.

*\*Doutor em História Social pela UFRJ, mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília e professor do Departamento de História da UES.*